

As Confissões de Santo Agostinho

Um livro reconhecido e valorizado como original e fascinante por ser, entre outros aspectos, profundamente humano. Nenhuma outra obra pode lhe arrebatara honra de ser a mais conhecida e lida, e também a mais examinada pelos eruditos, de quantas Santo Agostinho compôs. Seus leitores transcendem as fronteiras do interesse religioso, da fé cristã e católica. De fato, são muitos os desejosos do saber humanístico que se alimentam de seu abundante caudal. Entre outros, os homens de letra encontram na obra campos férteis para desfrutar e pesquisar.

Aos filósofos proporciona, além de uma concepção global do que existe, a especial profundidade de suas reflexões sobre determinados temas. Os psicólogos e psicanalistas a exploram com prazer encontrando resultados surpreendentes nas profundidades do espírito humano. Os teólogos e, em geral, as pessoas ávidas de trato com Deus, desfrutam da união inseparável que manifesta entre experiência e doutrina. É tão grande sua importância no último aspecto mencionado que não tê-la lido significará sempre uma considerável carência na cultura religiosa de qualquer pessoa. Juntamente com outras duas obras -



Apresentação das Confissões

**VICARIATO AGOSTINIANO NOSSA SENHORA DA
CONSOLAÇÃO DO BRASIL**

mestras de Santo Agostinho, A Trindade e A Cidade de Deus configuram, em boa medida, a história espiritual do ocidente.

Quando, por volta do ano 397, Santo Agostinho se dispunha a escrever suas Confissões, já era bispo de Hipona há dois anos, presbítero da Igreja há seis anos, estava batizado fazia dez anos e era cristão há uns quarenta e três anos. Confissões é, portanto, uma palavra-chave. Aparece no título da obra como uma síntese acertada de seu conteúdo e inclui, além disso, a proposta de Agostinho aos seus irmãos, os homens. O conceito de confissões, antes que revelação da própria miséria moral, é o reconhecimento agradecido a Deus pelo acervo de bens com que o privilegiou; físicos, intelectuais, morais, religiosos.

Essa “confissão” torna a obra original enquanto constitui toda ela uma oração, talvez a maior jamais publicada. Pelo fato de ser louvor do princípio ao fim. Embora pareça um monólogo, no fundo é um diálogo singular entre Agostinho e Deus. Agostinho fez de sua história uma confissão. Qualquer fato, mesmo que pareça insignificante, o conduz a ela, envolta em tipo de reflexões. Com efeito, a riqueza não está tanto nos dados que narra como na diversidade de considerações e reflexões que esses dados lhe sugerem.

As Confissões constam de treze “livros”. Esse modo antigo de designação se conserva na atualidade. Os livros

equivalem aos capítulos. Atendendo ao seu conteúdo, a totalidade dos treze livros constituem três partes, desiguais em extensão, pois a primeira é o quádruplo da segunda e o dobro da terceira.

A primeira, que abrange os nove primeiros, se ocupa do passado de Agostinho até o momento de seu batismo e da morte de sua mãe. A segunda, que consta do livro décimo, centrado no presente de Agostinho. A terceira, que corresponde aos três últimos livros, oferece um comentário aos primeiros versículos do Gênesis.

Diversas são as motivações que podem impulsionar uma pessoa a ler esta obra-prima agostiniana. Dependendo de seu centro de interesse, deverá ajustar seu método de leitura. Um leitor pode se aproximar das Confissões apenas com o intuito de conhecer Santo Agostinho. Por certo, a obra vai satisfazer de modo abundante seus desejos. Mas devemos acrescentar que Agostinho rejeita de forma explícita um tipo de leitura: a que nasce da curiosidade. São estas: “*Que tenho eu que ver com os homens, para que me ouçam as Confissões, como se houvessem de me curar das minhas enfermidades? Que gente curiosa para conhecer a vida alheia e que indolente para corrigir a sua! Por que pretendem que lhes declare quem sou, se não desejam também ouvir de Vós quem eles são?*” Agostinho não oferecia suas confissões a pessoas curiosas. Em seus leitores queria encontrar antes

“sócios” ou seja, pessoas que fizessem coro com ele na expressão de seus sentimentos diante de Deus.

A obra lhe oferece um modo humano de situar-se diante da própria existência. Modo humano porque não se limita a constatar fatos, e sim que, de forma habitual, se pergunta o porquê do que lhe acontece, seu significado e seu valor. E tem mais, a reflexão de Santo Agostinho é uma reflexão orante. Seguir seus passos exige entrar no mesmo espírito de oração.

Reflexão

1. Você entendeu o homem que Santo Agostinho apresenta nas Confissões?
2. Procure colocar a experiência de Agostinho para o homem de hoje:

Bibliografia:

Cf. VIZCAÍNO, De Luiz, Pío, OSA. **As Confissões de Santo Agostinho. Uma reflexão orante sobre o homem.** Col. Cadernos de Espiritualidade Agostiniana (12), FABRA. São Paulo, 2003.

Coordenador de estudos: Alexsandro Antonio de Moura



“Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos”.**(Santo Agostinho)**

